

## A Cultura Popular e o Ensino de Instrumento: Relato de Experiência

*Leylliane Regina*  
Universidade Federal da Paraíba  
leyli.music@hotmail.com

*Rommel Figueirêdo da Cunha*  
Universidade Federal da Paraíba

*Eliakim Rommel Santos de Lima*  
Universidade Federal da Paraíba  
eliakim.rommel@hotmail.com

**Resumo:** Este texto apresenta algumas considerações a respeito da relação entre a cultura popular e o ensino de instrumento musical. Para isso, tomamos como base a experiência vivida em um processo de ensino e aprendizagem envolvendo a cultura popular e o ensino de instrumento, a partir das relações com a cultura do Cavalo Marinho na região da Zona da Mata Norte Pernambucana. Além de refletir sobre as dificuldades do ensino coletivo de instrumento, o texto traz reflexões sobre o ensino quando conectamos a cultura popular mais próxima dos alunos a nossa pedagogia, além de apontar e relatar as reflexões e perspectivas dos professores ao planejar e aplicar.

**Palavras chave:** Ensino de instrumento. Flauta doce. Cultura popular. Cavalo Marinho.

### Introdução

Este texto apresenta um breve relato de experiência sobre a elaboração, planejamento e aplicação inicial de atividades musicais voltadas para a iniciação ao instrumento. Com a necessidade cada vez mais perceptível de aproximação das práticas de ensino com as demandas resultantes da diversidade sociocultural contemporânea, destacamos aqui as expressões musicais da cultura popular, entendidas como patrimônio imaterial.

Partindo da perspectiva que trabalha a diversidade musical implica o entendimento das práticas musicais em seus contextos de produção (ALMEIDA, 2012; ARROYO, 2000; NZEWI, 2013) e articulando tal posicionamento à nossa realidade cultural mais próxima, optamos por

trabalhar com a manifestação cultural do Cavalo Marinho, uma das variações da prática mais conhecida como Boi Bumbá.

Tendo em vista o desconhecimento de muitas pessoas sobre o Cavalo Marinho e mais precisamente sobre o Boi Bumbá, iniciamos a montagem de um ciclo de aulas onde este tema seria trabalhado no ensino de flauta doce. Nosso objetivo principal foi unir o ensino de instrumento e a cultura popular no contexto de uma banda de música do interior de Pernambuco, onde a cultura do Cavalo Marinho vem gradativamente sendo esquecida.

O Cavalo Marinho é um folguedo muito típico na zona da Mata Norte de Pernambuco, uma espécie de auto ou representação no qual estão presentes elementos como dança, teatro, música e poesia. A história do cavalo marinho é contada através de diálogo em forma de representação teatral geralmente ao ar livre onde os personagens que o compõe vão surgindo junto com outros elementos citados anteriormente (música, poesia e dança).

Em Goiana, cidade localizada na Zona da Mata Norte, na sede da Banda Musical Saboeira, são oferecidas aulas de música pela própria Banda que possui uma escola que tem como objetivo perpetuar a história da Banda que em 2016 completa 167 anos de atividades ininterruptas, onde atuamos como professores. Em nossas aulas temos observamos algumas dificuldades por parte dos alunos, dentre as quais destacamos aqui os problemas de aprendizagem na flauta doce e o desconhecimento em relação ao Cavalo Marinho. Diante disso, resolvemos unir os dois elementos, planejando e desenvolvendo atividades lúdicas que os contemplassem.

Na maioria de nossas aulas notamos que os alunos tiveram dificuldades em relacionar o nome das notas às posições no instrumento e mais ainda em relacionar as notas à partitura. Pensando nisso direcionamos e dividimos em um ciclo de aulas e seguimos etapas para alcançar nossos objetivos. As etapas foram divididas da seguinte forma: a) Fixação dos nomes das notas às posições no instrumento utilizando a história do Boi Bumbá; b) Apreensão do ritmo da música deste auto; c) Leitura das notas da música na partitura. Assim, apresentamos à seguir a descrição das atividades, a sua aplicação e algumas considerações sobre os resultados.

## As atividades

Preparamos o resumo de uma das encenações do Auto do Boi Bumbá, através do qual contamos a história de um casal de empregados de Nome Catirina e Mateus; escolhemos palavras-chaves que apareceriam com maior frequência na história e fizemos relação com notas. Por exemplo, todas as vezes que os alunos na contação de história ouvissem a palavra Catirina, deveriam tocar a nota Mi. Neste caso, ao contarmos a história, escolhemos apenas quatro notas onde o critério de escolha foi a quantidade de vezes que aparece na música. Porém podem facilmente ser inseridas outras notas usando o mesmo procedimento. Segue abaixo o modelo de roteiro seguido na aula.

### Boi Bumbá

Mateus [Cinza] = MI

Boi [Verde] = FÁ

Catirina [Azul] = Sol

Coronel [Amarelo] = LÁ

Contam que em certa fazenda, um coronel de nome Antônio tinha uma vasta criação de Boi, que era muito bem cuidada por um casal de nome Catirina e Mateus.

Coronel Antônio tinha grande paixão pelo seu rebanho, porém tinha um especial, o boi formoso. Este era especial, bonito, bem vistoso, gordo; era o xodó do Coronel.

A filha do coronel estava para se casar e o coronel já havia falado para Mateus: O meu presente de casamento para minha filha será o Boi formoso, cuide bem dele Mateus.

Catirina estava grávida, e, como todos sabem, desejo de mulher grávida é uma ordem.

Catirina teve desejo de comer língua de Boi, e disse: Mateus eu quero comer língua de boi, mas não é de qualquer boi, eu quero a língua do Boi Formoso. E Mateus aperreado disse:

Catirina, você é louca, tanto boi pra você escolher e você quer logo a língua do boi precioso. Você quer que o Coronel me mate?

E Catirina respondeu: e você quer que nosso filho nasça com cara de Boi?

Então Mateus na calada da noite foi até o pasto e cortou a língua do boi. Catirina matou o desejo e se deliciou com a língua do boi.

No dia seguinte Coronel Antônio foi ver sua criação e para sua surpresa o presente da sua filha estava morto; e Mateus foi obrigado a confessar o desejo de Catirina.

Coronel Antônio enfurecido mandou que ele desse um jeito. Voltando para casa Catirina teve uma ideia e contou para Mateus que havia um pajé que podia ajudar a ressuscitar o boi. Mateus trouxe o pajé. Enquanto o pajé não chegava todos os outros empregados da fazenda cantavam com tristeza:

O MEU BOI MORREU

O QUE SERÁ DE MIM

VAMOS BUSCAR OUTRO, MORENA, LÁ NO PIAUÍ.

E no final da história, o pajé conseguiu, para sorte de Mateus e de Catirina e felicidade de Coronel Antônio, ressuscitar o boi.

Para a etapa B) de apreensão e internalização do ritmo escolhemos o modelo metodológico de alfabetização e habilidades musicais de Zoltan Kodály que consiste na substituição dos nomes das notas por vogais ficando representadas pelas primeiras letras de seu nomes com exceção do si. O ritmo é modificado apenas quando ele se refere às partes das figuras, no exemplo abaixo são usadas ligadura, compasso, semínimas e colcheias, e as cabeças das figuras são omitidas, porém nesta etapa não há utilização de pentagrama. Segue o modelo no quadro abaixo:

FIGURA 1 – Partitura adaptada da música.

Dó= D	Ré=R	Mi=M	Fá=F	Sol=S	Lá=L	Si= T
-------	------	------	------	-------	------	-------

  

2/4

M S S S S

Fonte: produção dos autores.

Na etapa C) Planejamos a leitura de notas no pentagrama, onde partimos de um pensamento mais tradicional para algo mais ousado que em nossa prática demos o nome de Pentagrama Humano. Fundamenta-se basicamente na leitura convencional, onde fizemos adaptações para tornar a prática menos metódica e mais lúdica. Como todas as etapas anteriores, esta também foi coletiva. Nesta atividade fixamos cinco pedaços de TNT ao chão que representavam o pentagrama, onde a segunda linha foi representada por um TNT de cor amarela que remetia a nota sol na clave de sol, (nota muito usada na música do auto), que serviu como referência para a leitura, os alunos representavam as notas, (notas humanas) e eram tocadas pelos mesmos na flauta doce quando eram convidados representá-las no pentagrama.

## A aplicação

Esse ciclo de aulas foi aplicado em diferentes contextos. Antes de levar para a sala de aula foi testado na disciplina Metodologia do Ensino do Instrumento, de um curso de Licenciatura no qual somos estudantes. Porém a aula só foi aplicada na íntegra, seguindo todas as etapas escritas, em uma Escola de Música, onde atuamos como professores na musicalização infantil. Nesse contexto de atuação, um dos eixos de trabalho é o ensino coletivo da flauta doce para crianças de 7 a 9 anos de idade.

Na aplicação da etapa A, as dificuldades dos alunos em lembrar o nome das notas e associá-las com as posições no instrumento foram superadas rapidamente e as notas musicais foram automatizadas de imediato. Na etapa B, os alunos se surpreenderam ao tocar a música de uma maneira adaptada, pois a forma de trabalho e aplicação com eles foi modificada e a música fluíu de maneira ágil. Já na terceira etapa, que associou todos os processos anteriores, da leitura e fixação ao pentagrama, o processo fluíu, porém, precisou-se de um pouco mais de tempo e uma constante revisão até termos a certeza de que não tinha sido apenas uma questão de decorar e sim de apreender.

## Algumas considerações

Para que objetivos fossem alcançados, as reflexões sobre a nossa prática de ensino foram de suma importância. Assim, buscando aplicar metodologias diferenciadas, refletimos que algumas de nossas práticas tinham se tornado obsoletas, pois a constante mutação social atinge principalmente as crianças e para que possamos acompanhar esse processo era necessário começar em primeiro lugar em nós e mais ainda na reflexão de nossas práticas. Quando começamos a observar onde se encontrava esse déficit, tivemos que pensar em soluções para estimular e ensinar de outras formas os alunos, de maneira tal que o aprendizado não aconteceu apenas neles, esse processo foi mútuo.

## Referências

ALMEIDA, Cristiane. Educação musical e diversidade: aproximações. Educação. Revista do Centro de Educação, v. 37, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/resumen.oa?id=117123668006>>. Acesso em: 29 jul. 2016.

ARROYO, M. Um olhar antropológico sobre práticas de ensino e aprendizagem musical. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 5, p. 13-20, set. 2000. Disponível em <[http://abemeducacaomusical.com.br/revista\\_abem/ed5/revista5\\_artigo2.pdf](http://abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed5/revista5_artigo2.pdf)>. Acesso em: 29 jul. 2016.

NZEWI, Meki Emeka. Educação Musical sob a perspectiva da diversidade cultural e globalização: posição da CIIMDA. Revista da ABEM, v. 20, n. 28, 20 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/105>>. Acesso em: 29 jul. 2016.